

Com o pés no chão

A advertência do Fundo Monetário Internacional (FMI) de que é muito cedo para festejar o fim da crise econômica provocada pela desvalorização do real sustenta-se em diagnóstico de todo procedente. Ainda não se ergue sobre bases confiáveis o interesse dos investidores em retomar o caminho do mercado brasileiro. Apenas a súbita e desmedida elevação das taxas de juros trouxe de volta algumas parcelas de capital de curto prazo repatriado desde outubro do ano passado, na sequência do colapso financeiro da Rússia.

É a combinação de juros altos e entrada de dinheiro externo no mercado financeiro a grande escora da estabilidade cambial desde então. Mas a resistência ao ataque especulativo contra a moeda em meados de janeiro foi apoiada, também, na tomada de recursos externos. Uma parte do dinheiro veio do FMI e outra da colocação de títulos públicos no mercado internacional.

Portanto, o país aumentou de forma significativa seu endividamento no exterior. Os créditos pendentes de resgates rendem juros, como é óbvio. E assim ampliam-se os níveis de comprometimento de recursos em divisas estrangeiras. É um quadro que não sugere otimismo excessivos, para utilizar de uma expressão ao gosto de Stanley Fischer, diretor-gerente-adjunto do FMI. Uma conjuntura que, é correto advertir, não deve a seu turno despertar pessimismos deprimentes.

A desnacionalização de alguns setores do

sistema produtivo, em razão da transferência de atividades econômicas do Estado à iniciativa privada estrangeira, provocará certas turbulências no balanço cambial. É que as pressões para remessa de juros, lucros e dividendos serão inevitáveis em curto prazo.

Há expectativas no sentido de que o câmbio mais favorável incentive as exportações. Seria a alternativa de maior eficiência para obter saldos apreciáveis no intercâmbio comercial e, assim, garantir suporte mais efetivo e duradouro às reservas cambiais.

Contudo, não há como a hipótese se consumir com brevidade. As taxas de juros altas inibem investimentos na estrutura industrial, responsável por nada menos que a metade das vendas brasileiras nos mercados mundiais. Além disso, a produção nacional exportável requer importação de componentes e insumos estrangeiros. Com o dólar cerca de 40% mais caro, há aí um fator de encarecimento do produto acabado que exige esforço compensatório por meio da elevação dos índices de produtividade.

É evidente, todavia, que dificuldades do gênero são transitórias. Não há indicações de que o país corre o risco de ser devorado por nova e mais virulenta crise cambial. A advertência do FMI é no sentido de que o atual alívio econômico não se converta em motivo para afrouxar as severas medidas tomadas a fim de reverter o quadro adverso. Acima de tudo, manter sob rédeas seguras o ajuste fiscal.